

A PROPÓSITO DO ARTIGO DE MICHEL VERRET SOBRE “MAIO ESTUDANTIL”

Louis Althusser¹

Acabei de ler o artigo que Michel Verret consagrou, no número 143 da revista *La Pensée* (fevereiro de 1969) ao “*Maio Estudantil, ou as Substituições*”².

Gostaria de registrar, por vezes, o interesse real, mas também as sérias reservas que me inspira.

O artigo de Verret pode ter o direito de reivindicar um triplo mérito.

1) É, para meu conhecimento, o primeiro texto consagrado por um comunista à análise de *algumas formas da ideologia estudantil de Maio*. A este título, ele preenche uma lacuna importante na literatura marxista francesa existente.

2) É, para meu conhecimento, uma das primeiras análises que, por ocasião de um objeto relativamente privilegiado (o surgimento espetacular da ideologia estudantil num contexto econômico e político do qual é conhecido, ao menos em suas grandes linhas), esboça uma tentativa da teoria dos *mecanismos* que podem projetar na dialética das *formas de uma dada ideologia*, quando diretamente confrontada em suas realizações por uma parte e por outra, na realidade. No horizonte do ensaio de Verret está, portanto, posto um problema real que ultrapassa evidentemente o objeto imediato de sua análise: o problema da constituição de uma *teoria marxista dos mecanismos da ideologia* e das transformações da dialética dos mecanismos impostos às mesmas formas da ideologia considerada.

3) O texto de Verret, tem enfim, o grande mérito e também a coragem consensual de evocar a tarefa política de um “combate comum” com os estudantes “esquerdistas”, muito precisamente por evocar em termos de “unidade da ação”, “sobre o terreno real”, em função do “inimigo comum e dos objetivos comuns”, mas algumas palavras rápidas passam

¹ ALTHUSSER, Louis. *A propos de l'article de Michel Verret sur "Mai Étudiant"*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie, Paris: Éditions Sociales, n° 145, pp. 03-14, mai-juin, 1969. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza.

² Colchetes acrescidos para melhor situar o leitor. Adverte-se que os grifos no corpo do texto são conforme o original, assim como os parênteses e as aspas. (N. T.).

despercebidas³. Tarefa bastante difícil, com efeito, não somente por causa das prevenções ou das suspeitas selvagens existentes, mas, sobretudo, por causa das *razões* dessas prevenções e desconfiâncias e suspeitas, e de sua intensidade, razões que a meu ver estão muito longe de serem abordadas por alguém com exigências de objetividade científica necessária.

Creio que seria um erro e uma injustiça subestimar este triplo mérito – *sobretudo o último*.

Mas, uma vez este mérito conhecido e em função mesmo do objeto teórico e político de Verret, não são possíveis, em minha opinião, ao menos, fazer silêncio sobre os defeitos [as falhas] do mesmo artigo. Permitam-me examinar rapidamente, numa ordem de importância crescente. Vou tentar dar, na medida do possível, um giro *positivo* à crítica que me parece impor-se.

Todo leitor que conseguir ler o artigo de Verret não pode deixar de reconhecer inicialmente que ele é extremamente brilhante: *muito brilhante*. Esses excessos se traçam imediatamente em sua língua, prodigiosamente colhidos, densos, prazerosamente elípticos, carregados de figuras retóricas e sobrecarregados de um vocabulário esotérico.

Duvido que algum companheiro *trabalhador* possa ler facilmente ou mesmo ler este curto texto, por vezes longo e muito denso, e recortar em curtos capítulos peremptórios os títulos cuja preciosidade surpreende. Isso é, em minha opinião, uma série de falhas políticas. Por isso, nossos camaradas trabalhadores que marcharam, tiveram a seus lados os estudantes numa gigantesca e entusiasta manifestação do 13 de maio, muitas vezes viram os estudantes vir a seu encontro para conhecê-los ou oferecer-lhes seus serviços nas portas de suas empresas ou pulsarem corajosamente ao lado deles em muitas circunstâncias, – enquanto “sentir” que os estudantes não eram, malgrado sua generosidade, “sobre o mesmo comprimento de onde” eles, – nossos colegas trabalhadores tinham o direito a uma explicação clara e inteligível sobre as formas ideológicas particulares que animavam os estudantes em Maio, sobre a força progressista do seu movimento de massa, acerca de seus méritos como sobre seus erros e sua lógica, muitas vezes desconcertantes para eles, de suas reações. Desse ponto de vista, que é político, o artigo de Verret me parece ter de pagar a seus leitores operários, seja para mal

³ Páginas 35-36 de seu texto. – Aqui Althusser faz direta referência ao texto de Verret publicado no número 143 da revista *La Pensée*, conforme já apresentado no início. Acréscimo do tradutor.

informá-los ou mesmo para encobrir suas idéias através da linguagem estranha na qual está redigido e pela insuficiência de suas análises.

Irei mais longe. Não penso que este artigo, manifestamente redigido com intenção aos estudantes, e somente aos estudantes, alcance [atinja] verdadeiramente o propósito que manifestamente se propõe. Receio que Verret não imagine que seja entendido pelos estudantes porque falara sua linguagem, aquela que pensa ser a linguagem da “legitimidade cultural dominante no meio estudantil”.

Ora, tudo que sei sobre a linguagem que os estudantes falaram em Maio e que ainda agora falam, desmente [contradiz], ao menos pelo essencial, esta convicção. Salvo certos anarquistas assombrados pelos temas do “gozo” sexual ou outras coisas quaisquer, os estudantes mais conscientes não falaram a linguagem da “ereção” das barricadas, do índice de permissividade, da segunda vinda [do retorno] do Messias pedagógico, dos lugares fantásticos, do carisma, das grandes fantasias da angústia, das Vigilâncias Suspeitas, das Críticas Hemiplégicas, para não dizer essas expressões entre um número excessivo de fórmulas semelhantes. A meu ver, malgrado sua confusão e seus erros, a maioria dos panfletos de Maio falou um idioma bastante diferente, e os cartazes de Maio o idioma de todo mundo.

Eu bem sei que me objetei ao linguajar de Verret, conquanto sendo o dialeto de uma análise de “sociologia marxista” da ideologia estudantil de Maio, *deveria*, no entanto, ser uma linguagem *científica* (e se fosse verdadeiramente uma, ela teria perfeitamente o direito), ser *outro* linguajar como aquele dos estudantes, seja aquele em que eles manifestaram suas reivindicações e suas esperanças em Maio, seja aquele em que tentaram “teorizar” suas ações e suas esperanças. Estou de acordo, mas é aqui que as coisas tomam um rumo mais sério.

Pois, se a intenção subjetiva de Verret: começar a pensar teoricamente a dialética dos mecanismos de uma ideologia em ação, está perfeitamente fundada, se ela requer para este fim a elaboração de conceitos teóricos, esses conceitos devem ser *marxistas*. Ora, isto força a constatar que o fundo das *expressões* que Verret emprega com insistência, confina à complacência, se é que está carregado de noções teóricas, veicula, com efeito, noções teóricas que fazem *alusões* a problemas reais e a uma teoria marxista *necessária*, porém, ainda por elaborar, algo que não tem muita coisa a ver com a teoria marxista. Sua terminologia se

sobrepõe constantemente, ao menos quando fala da ideologia, o que ele chama, aliás, de um termo que não engana: “o Imaginário social”; *uma terminologia que quer ser vanguarda na França*, que foi empregada em obras, aliás, merecedoras em seu tempo, por Bourdieu e Passeron, e que é, deve ser dito, um misto da terminologia weberiana-durkheimiana e pseudo-freudiana e, por assim dizer, *psicossociológica*, ou seja, não científica.

Verret será, sem dúvida, surpreendido ao ler que suas análises da ideologia estudantil não surgem da “sociologia marxista” que ele evoca, mas da psicossociologia. Portanto, basta percorrer seu primeiro capítulo (O índice de audácia, O índice de “permissividade”, O índice de aristocracia, As revoltas principescas), para resumir que seu livro é uma *descrição* puramente psicossociológica das “motivações” dos estudantes, invocando uma espécie de “condição estudantil” *abstrata*, pois essa descrição é, de fato, completamente *abstração* da situação econômica, política e ideológica que deu margem a revolta ideológica de Maio.

Que o grupo estudantil seja “um grupo transitivo”, entre a vida familiar que esteja abandonando e a vida profissional que ainda não abandonou, entre o meio saber e o saber, entre a moral e a política; esta “situação” “permite” aos estudantes infinitamente mais “liberdade” que aos operários e outros trabalhadores, mesmo intelectuais; que os filhos de burgueses e pequenos burgueses, “depositários da legitimidade cultural em que a ordem social se reflete, sancionam e se justificam”, eles seguem um prazer “aristocrático” para agitar os “Valores estabelecidos”; que esta aparente “liberdade” eles cedam às “fantasias” aonde o “além do princípio do prazer” se acha por realizar-se a pouco custo, – quem o negará? Mas quem negará que essas condições *sempre foram* aquelas dos estudantes em todos os momentos da juventude discente, sobretudo “dourada” – brincando –, o tempo em que a “mocidade acontece”, para escandalizar a seus Pais e a “Ordem estabelecida”? O que uma análise geral nos ensina sobre a grande revolta ideológica de Maio, em que se distingue de uma revolta no domínio estético-anticlerical, como aquela da juventude “surrealista” aos dias seguintes da guerra de 1914-1918, seja a mais forte razão das revoltas fascistas que submergiu a maioria dos países da Europa ocidental após 1927 na Itália e em 1933 na Alemanha, mesmo a França sendo ameaçada entre 1932 e a guerra?

As duas proposições seguintes são exatamente reversíveis: 1) se não for definida as condições econômicas, políticas e ideológicas precisas que fundam e, portanto, distinguem essas diferentes revoltas, renunciaremos toda análise verdadeiramente *sociológica* e cairemos

em seu *resíduo* comum: uma análise psicossociológica; 2) se utilizarmos, fascinados pelos índices de “permissividade”, de “audácia” e de “aristocracia”, apenas a linguagem sociológica, se perderá inevitavelmente as razões históricas que fizeram *tal* revolta estudantil um levante estético, fascista *ou progressista*.

Não há necessidade em dizer que *politicamente* o resultado é tamanho, porque remete todos os leitores a uma “essência” eterna de liberdade “transitiva” da juventude estudantil, onde cada um quer que seja esteta, fascista ou progressista, pode encontrar sua soma, um pouco por fazer.

Eis que devemos esclarecer ao menos sobre um ponto, portanto, perfeitamente definido por todos os clássicos do marxismo: nenhuma análise de uma dada ideologia, e, *à fortiori*, as formas definidas onde se exprimem seus mecanismos, é possível sem relacionarem-se as *condições históricas específicas* que lhe servem de suporte e de domínio. Logo, Verret não esboça a análise das condições específicas econômicas, políticas e ideológicas que lhe deu origem, não somente na França, mas no mundo inteiro, na revolta ideológica da juventude escolarizada. Segue-se um duplo resultado:

1) sobre o plano dos conceitos que emprega, ele constringe em recorrer aos pseudo-conceitos sociológicos weberianos-durkheimianos-freudianos mesclados, num amálgama que constitui o fundo de toda “teoria” psicossociológica. Efetivamente esses conceitos psicossociológicos “valem” para *todas* as insurgências ideológicas, qualquer que seja a tendência política e, portanto, o alcance. Insurgências por um curto instante ou por longa duração; revoltas superficiais ou profundas; revolta estética, fascista ou *progressista*.

2) sobre o plano político, a conseqüência está clara. Como não explica que a revolta ideológica mundial da juventude escolarizada é um dos importantes efeitos da agonia do imperialismo; como não explica o papel dos exemplos argelino (Verret diz que “o grupo de estudantes não tem memória”!) Posso assegurar que a guerra da Argélia deixou traços profundos na memória dos antigos estudantes e mesmo dos estudantes de hoje), cubano, vietnamita e chinês (os ecos da revolução cultural desempenharam um papel não desprezível na ideologia estudantil de Maio); como não explica que a ideologia burguesa é fortemente perturbada, para não dizer demolidora pelos acontecimentos da história mundial que se sucederam após o fascismo, a guerra da Espanha, última guerra mundial e as revoluções

socialistas que se seguiram; como não explica (*porque esta permanece enraizada*) que a pequena burguesia, bem como certas “situações” burguesas estão, mesmo na França, profundamente atentas para a crise econômica que os toca, quando não existe desemprego que os surpreenda [os incomode] ou os atinja (quantos futuros desempregados nas filas dos estudantes de hoje?); – como não explica nada disso, toda análise “sociológica” da ideologia estudantil de Maio de 1968 torna-se uma análise psicossociológica, portanto idealista, do “imaginário social” de um “grupo transitivo” eternamente em transição, eternamente numa situação instável, “o grupo de estudantes”.

O resultado é que ele⁴ se torna impossível não só por conta do seguinte fato massivo: a saber, que, pela primeira vez na história, uma revolta ideológica estudantil se estendeu também aos liceus e também às camadas importantes dos jovens trabalhadores intelectuais se tornando assim uma revolta ideológica de *massa*; pela primeira vez na história uma revolta ideológica não só alcançou os “Valores estabelecidos”, mas também as instituições do Estado e suas práticas seculares (o sistema escolar antes de qualquer coisa), que não estão próximas de se revelar; esta revolta ideológica francesa é uma parte de uma insurgência ideológica da juventude *mundial* e que recobre um caráter incontestavelmente *progressista* a despeito de seus erros, de suas arrogâncias e de suas ilusões *invitáveis*.

Para dizer as coisas numa palavra: quando não sabemos de onde vem uma revolta ideológica, quando não sabemos em que profundidade histórica ela está enraizada, há fortes chances de não poder discernir qual é a sua significação, qual é o seu alcance e quais serão seus futuros *políticos*, portanto, em qual medida ela pode ou não ajudar a luta de classe proletária contra o imperialismo sobre o plano mundial e seu plano nacional.

Eu poderia parar por aqui, mas tenho de ir mais longe.

Verret tem perfeitamente o direito de consagrar um estudo à ideologia das ações estudantis de Maio. Ele não fala, aliás, da revolta estudantil. Fala também da greve operária. Quando fala da greve dos trabalhadores, ele fala numa linguagem marxista e não mais psicossociológica. Portanto, se dirigi em seu artigo, antes de qualquer coisa, aos estudantes; estimo que ele deva considerar que era politicamente indispensável, acima de tudo, restabelecer a representação errônea que a maioria dos estudantes ainda fazem dos eventos de

⁴ Se referindo à comunidade dos estudantes. (N. T.).

Maior. Não podemos, dez meses após maio de 68, e visto o estado de extrema confusão ideológica na qual se encontram numerosos estudantes que se querem “revolucionários” ou simplesmente “progressistas”, considerar que as coisas foram suficientemente esclarecidas sobre este ponto, e que para os estudantes de Maio foi, antes de tudo, o “*Maio dos Proletários*”. Eu sei que este ponto foi afirmado pelo Partido, mas o número de estudantes que não foram afetados – pelas razões que devemos analisar, pois elas são graves –, pelas tomadas de posição do Partido, restam ainda às ilusões sobre a verdadeira ordem das coisas. Para poder lhes falar, supondo que fora capaz de apresentar uma verdadeira análise sociológica científica de sua ideologia, ele deveria primeiro reconhecer explicitamente as coisas em sua ordem verdadeira e dizer o que ocorreu em Maio de 68.

O que foi o Maio de 68 na França?

Um *encontro* entre, de uma parte, uma greve geral, a meu ver, sem precedente na história ocidental pelo número de seus participantes e sua duração, e, de outra parte, das ações não somente dos estudantes, mas também dos colegiais [estudantes secundaristas] e “intelectuais” (afetando os jovens “trabalhadores intelectuais”, médicos, arquitetos, artistas, jornalistas, juristas, engenheiros, empregados, pequenos e médios executivos e etc.).

Nesse encontro, *a greve geral operária foi esmagadoramente um acontecimento absolutamente determinante*, portanto, as ações dos estudantes, colegiais [estudantes secundaristas] e “intelectuais”, precedidas cronologicamente, foi um evento novo e de grande importância, mas subordinado.

Há também de reconhecer este fato geralmente desconhecido: é que, para a burguesia, portanto, para seus parentes e para eles mesmos, os estudantes se “firmaram à frente do palco [cenário]” em ações espetaculares, ações mais profundas e complexas que sem dúvida foram os feitos das camadas não apenas estudantis: os colegiais [estudantes secundaristas], os alunos do C. E. T, e os jovens “trabalhadores intelectuais”. No entanto, o artigo de Verret não menciona a importância destas últimas camadas.

Tal é, parece-me, ao menos em seus grandes traços, a realidade histórica segundo a ordem de importância das ações respectivas *reunidas* em maio de 68, *sem chegar a funcionar*.

Ora, após maio de 68, ou seja, após dois meses, à parte as injúrias de De Gaulle que ele visa diretamente aos operários a quem denuncia à ameaça “totalitária” todos os projetos *oficiais*, burgueses e pequeno-burgueses (uma enorme literatura que cobre o mercado da edição nacional e internacional) nisso incluindo maravilhosamente um número de “projetores”, os próprios estudantes, estando senão exclusivamente, ao menos quase *exclusivamente fixados sobre Maio Estudantil*. Digo: o Maio Estudantil, visto que o Maio colegial [dos estudantes secundaristas] e o Maio dos trabalhadores intelectuais não têm o direito à mesma publicidade. Em compensação, à parte as publicações do Partido e da C. G. T. que, na minha concepção, ainda não é produto de análise sociológica profunda e detalhada sobre o que se passou nas diferentes camadas de trabalhadores segundo os diferentes ramos da produção e do emprego, e, à parte algumas reportagens isoladas, *um silêncio quase total* fez-se sobre o Maio dos trabalhadores [dos operários] (Maio dos Proletários, conforme a justa expressão de Salini)!

Bem, seja qual forem suas convicções sobre essa questão (e eu não duvido de seu acerto), Verret, pela disposição mesma dos capítulos de sua análise, portanto, por onde ele faz seu texto intervir na greve operária, chega a um resultado que seguramente não almeja: é bom *corrigir*, pela crítica das ilusões dos estudantes, a representação que os estudantes relatam existirem entre sua idéia da greve (“greve analógica”) e a greve em si, e não restabelecer a greve, em seu lugar autêntico; em outras palavras, ele não fez aparecer à verdadeira *relação subordinada* que mantiveram as ações estudantis e outras mais com a greve geral dos trabalhadores. Que goste [que queira] ou não, ele entretêm objetivamente deste fato: [conserva] com desdém mesmo suas críticas muitas vezes formalmente pertinentes os estudantes que lêem na Ilusão N° 01 de sua própria “interpretação” de Maio. Pois demasiados estudantes são ainda espontaneamente tentados a escrever a história de Maio sobre o modo exclusivo de um Maio Estudantil, este que não assegura por desagradar politicamente à burguesia, forte impressão de esquecer por sua conta, e por fazer esquecer às suas crianças que, sem a prodigiosa greve de nove milhões de trabalhadores, as barricadas do Quartier Latin⁵ [bairro Latino] permitiriam, talvez, mais ferimentos que esperanças, que sonhos ainda vivos, duravelmente vivos, uma vez que inspirariam certas ações desordenadas, mas tenazes e

⁵ Área onde se localizam algumas das Escolas Superiores, bem como algumas Universidades parisienses. Área localizada entre o 5° e o 6° *arrondissement*, ou mais precisamente, localidade entre o 5° e o 6° bairros em Paris. (N. T.).

profundas que poderíamos observar após outubro de 68, *antes de qualquer coisa*, nos liceus, C. E. T's, Escolas Normais, etc.

Se feito todas essas reservas entrarmos agora no objeto mesmo da análise de Verret, nós não o chamaremos “Imaginário social” dos estudantes, mas *correntes ideológicas* que foram realizadas nas ações estudantis, colegiais e “intelectuais” de Maio de 68 na França. Novamente, temo que Verret não ceda a uma dupla ilusão ou insuficiência.

1) Trata-se, com efeito, da ideologia estudantil, como se ela tivesse sido *uma*. Entretanto, ele sabe e declara que o “meio estudantil” é composto, por isso comporta, à parte os 8 ou 9 %, de filhos de operários, crianças de camadas sociais muito diferentes, além da pequena burguesia até a grande burguesia e mesmo aos restos da aristocracia.

Se considerarmos que não apenas os estudantes, mas também os jovens trabalhadores intelectuais em grande número participaram nas ações de Maio, torna-se difícil falar de *uma* ideologia, ao menos considerá-la como a combinação instável de várias correntes. De fato, por não falar só dos estudantes, após as cisões sucessivas que tinham iniciados com a U. E. C., por ocasião das lutas antiimperialistas (guerra da Argélia, resistências latino-americanas, Vietnã) e da cisão do Movimento comunista internacional, houve várias correntes de tendências ideológicas muito diversas reclamando seja do anarquismo (22 de março), seja do trotskismo, seja do guevarismo, seja da revolução cultural chinesa.

Essa diversidade explica em parte as flutuações das ações estudantis em Maio, suas hesitações e, também em parte, sua fraqueza. A prova: a maior parte dos “grupúsculos” [pequenos grupos] quebrou ou desapareceram sob a provação de Maio. Atualmente, e não posso dizer por quanto tempo, reina uma ideologia “antigrupuscular” e mais geralmente anti-organizacionalista de tipo neo-luxemburgista que encontra seus organismos de “substituição”⁶ nos Comitês de Ação, os quais não são, em certos casos, sem eficácia.

Toda a análise da ideologia estudantil deve considerar todos esses dados compostos. Pois é também em parte uma ilusão ainda divulgada nas largas camadas do meio colegial que há uma ideologia estudantil. O sentido [a acepção], senão a coerência das ações estudantis seria, em minha concepção, a procura preferencialmente do papel dos objetivos e mais

⁶ Verret fala a justo título dos processos de substituições.

profundamente das causas determinantes destas ações (a qual eu disse acima muito rapidamente).

2) Verret parece, além disso, considerar que a ideologia dominante no meio estudantil em Maio foi a ideologia “anarco-sindicalista”, da qual diz curiosamente que ela é a ideologia *de massa* do anarquismo, como se o anarquismo como tal não pudesse ser uma ideologia de massa, justamente nas camadas sociais de origem também heterogênea daqueles à partir dos quais são oriundos os estudantes. Ele invoca palavras de ordem como “poder operário”, “poder sindical”, etc.

Logo, para minha compreensão, *a ideologia anarquista-libertária foi a que dominou em maio* entre os estudantes em geral, embora se possa crer que alguns centros (Nantes, por exemplo, onde reina uma forte tradição anarco-sindicalista no meio operário) estudantis tenham lançado palavras de ordem anarco-sindicalistas, em meu entendimento, sempre foram, sobretudo, proclamadas pela C. F. D. T. e pelo P. S. U. (“poder operário”, “poder estudantil”, “poder camponês”). No presente (março de 69) parece-me que a ideologia dominante no núcleo “avançado” do “Movimento” estudantil seja uma ideologia de tipo neo-luxemburguista, embora a ideologia anarquista nisso permaneça ainda muito forte, senão em progresso, sob formas estritamente elaboradas.

Falta-me agora falar do princípio mesmo que inspira a intervenção de Verret, a saber, a forma quase exclusivamente crítica de seu artigo. É claro que é indispensável criticar, e como dizia Lênin a propósito do esquerdismo operário [esquerda operária] “severamente, rigorosamente” as ilusões e os erros de nossos companheiros estudantes; “não se deve lisonjear a juventude”. Mas justamente ele⁷ deveria também ter muito em conta o fato de que esses erros são uma “doença infantil”, *não da classe trabalhadora*, mas da juventude, e de uma juventude escolarizada ou intelectual⁸. Ele não deveria confundir *automaticamente* esta

⁷ Se referindo a Verret. Assim como o início da próxima frase, onde se lê – “ele não deveria”, Althusser se refere à Verret. (N. T.).

⁸ Quando falamos do esquerdismo e citou-se a obra que Lênin consagrou a essa questão, há de saber que Lênin falava do esquerdismo *operário* e não do esquerdismo estudantil.

Devemos lembrar que na conclusão de seu livro, Lênin escreveu: “*Evidentemente o erro representado pela doutrina de esquerda no movimento comunista é, até o presente, mil vezes menos perigosa e menos grave que o erro representado pela doutrina de direita*”.

Ele acrescentou que a esquerda operária era uma doença infantil que poderia ser “em certas condições, facilmente curada”.

Eu arrisco aqui uma opinião *pessoal*.

juventude com os pequenos grupos tentando assumir a direção – nem suas aspirações e reações com suas “palavras de ordem”. Pois é a juventude escolarizada e intelectual e suas tendências profundas que deve nos interessar.

Ora, não penso que o método empregado por Verret em seu artigo (crítica negativa, sob uma forma friamente satírica, sem dar explicações suficientes, nem indicar resultado [saída ou solução]: eu sei que essas duas últimas exigências não são, na presente conjuntura, fáceis por satisfazer) seja o melhor.

O que deve fazer um comunista, dez meses após Maio [de 68], para ajudar os estudantes que ainda são massivamente apanhados nos efeitos das ilusões ideológicas, cujos mesmos tiveram suas ações mal cobertas em Maio, por vezes aventurosas, mas corajosas e mesmo heróicas? Lênin nos põe sobre o rastro [a trilha], em um texto datado de 1916, em que cita Salini:

“... Diante da insuficiência da clareza teórica em que tais jovens pessoas nos devam reagir, de toda maneira, nos fazem e nos devem fazer com respeito da salada teórica e da ausência da seqüência revolucionária que são provas... dos adultos (Kautsky e Cia) que enganam o proletariado, que pretendem conduzir e educar os outros e contra quem uma luta impiedosa é necessária; aqui estamos lidando com as organizações da *juventude*, declaram abertamente que elas, por conseguinte, seu aprendizado e que sua tarefa principal é formar militantes para os partidos socialistas. *Devemos fazer tudo para ajudar esta juventude, devemos mostrar a maior paciência quando ela cometer erros, e esforçar-se por corrigir pouco a pouco a persuasão de preferência e não pela luta.* Não é raro que pessoas de certa idade ou os velhos [idosos] não saibam abordar a juventude, que pela força, é obrigada a vir para o socialismo diferentemente de seus pais, por outros caminhos, sob outras formas e em outras condições...”

Apesar das diferenças *de objeto* (esquerda estudantil no lugar de direita trabalhadora) e *de conjuntura*, acredito *sempre válido* o julgamento comparativo de Lênin sobre os perigos respectivos. Acrescentaria: *sobretudo* no meio estudantil-intelectual, a doutrina de esquerda representa um erro mil vezes menos perigoso e menos grave que o erro representado pela doutrina de direita.

Em contrapartida, acrescentarei que as circunstâncias da conjuntura atual correm o risco de tornar este erro extremamente difícil de “tratar”: não que seria porque invoquem essas conjunturas, os “interesses”, ou do menor *número entre elas*, que recusam e recusaram *violentamente* as “preocupações” evidentes, a supor que queira verdadeiramente ajuda, sua oferta. Essa recusa e sua forma são *um dos elementos objetivos* da situação no meio “estudantil” para quem seria insensato não levar a sério, nem seria para quem queira analisar as razões, não reveladas da “psique” ou da “psicossociologia”. Todos aqueles que têm uma real experiência da prática pedagógica e política no meio estudantil, e, sobretudo [principalmente] colegial, o sabem.

Eu sei que as condições de março de 1969 não são aquelas de 1916, e que é sem dúvida muito mais difícil provar a paciência que naquela época, frente a certos ataques sistemáticos que visam diretamente o Partido e a C. G. T. Mas penso que a recomendação de Lênin preserva todo seu valor, mesmo numa situação onde o Movimento comunista mundial está, além disso, também, por romper numa grave cisão (em 1916, a situação não era mais brilhante sob esta relação). Não penso que seja justo se contentar em criticar do alto, com segurança que dá a experiência política de um “homem prudente”, a juventude estudantil e outra que busca seu caminho, numa situação que não é “difícil” para ela.

Pois enfim, se levarmos em conta os elementos essenciais da situação onde ela busca seu rumo, me parece que devemos considerar dois fatos e bem os ver em face:

1) a revolta ideológica da juventude escolarizada, que atingiu [alcançou] seu ápice em Maio na França, começou depois de 10 ou 15 anos em vários lugares do mundo. Tornou-se manifestamente outro evento [acontecimento] de efêmeras revoltas estatizantes nos anos 20-25, o mesmo que o do alistamento da juventude nos movimentos fascista antes da última guerra. Foi, com efeito, uma revolta mundial, e foram incontestavelmente, em seu conjunto, malgrado certos resíduos graves como o foram, *uma revolta profundamente progressista*, que, historicamente, tiveram seu lugar, não insignificante, na luta de classe mundial contra o Imperialismo. Ela alcançou, com efeito, o *parelho de inculcação da ideologia da burguesia por excelência* que é o *sistema escolar capitalista*⁹. Há todos os traços para pensar que, mesmo por graves reversos, esta revolta tem, através de suas provas e além delas, [diante dela] um verdadeiro e durável futuro. A questão fundamental posta por esta juventude insurgente é a seguinte: será que ela, não em palavras, mas em atos, operará sua *fusão* com o Movimento operário? Será ela *ajudada [auxiliada] a realizar esta fusão?*

2) ora, justamente esta admirável juventude teve o dever de conduzir em Maio o gigantesco combate [a grande batalha], tão grande para suas próprias forças, na qual ela esteve empenhada [engajada], numa condição objetivamente dramática: entregue, abandonada, por si mesma, portanto, *sozinha*.

Ela tornou-se um fato objetivo, do qual devemos considerá-la com a maior seriedade.

⁹ Grifos do tradutor.

O fato é que, salvo a China, onde num contexto absolutamente diferente e desde fins imediatos que não correspondem às nossas condições, a Direção do Estado popular assumiu a liderança (ou a iniciativa?) da revolta ideológica da juventude, e nossos Partidos comunistas, após muitos anos, ficaram marcados na França pelas crises sucessivas da organização estudantil comunista; *praticamente perdeu contato com a massa da juventude escolarizada*.

Ora, não vi que tínhamos - senão notado¹⁰, porém verdadeiramente - levado a sério nem *analisado a fundo este fato*, não só enquanto fato de nossa própria história, mas ainda enquanto fato que ultrapassa as fronteiras de nosso país, visto que esta revolta ideológica afetou e [ainda] afeta após vários anos não apenas os países capitalistas, mas alguns países socialistas em si mesmos. Não conheço nenhuma análise concreta, sistemática e aprofundada da situação real do mundo e nacional que provocou essa perda de contato, muito prejudicial [nociva], não somente na luta da classe operária, mas também e antes na juventude escolarizada em si.

Eu sei que, depois de Maio, o Partido fez grandes esforços para restabelecer um contato que havia sido perdido em Maio, num momento crucial da luta de classe, mas por falta de uma análise concreta da situação que provocou este feito deplorável, temo [receio] que os novos contatos que estão atualmente em via de se estabelecer não repousem sobre alguns equívocos ou sobre certas omissões, que nos custem sem dúvida um dia ou outro, a despeito de vitórias que arriscam serem em parte vitórias “à Pirro”, mais ou menos caras. Pois não posso, com a boa doutrina leninista, corrigir um erro ou preencher uma lacuna resultante de um erro, com a condição absoluta de analisar até em sua raiz as causas deste erro.

O que digo da situação estudantil são igualmente todas as proporções mantidas para a situação da classe trabalhadora em si mesma, em Maio. Se nós dispusermos a mais das *análises concretas* do que aconteceu em Maio nas diferentes camadas de trabalhadores e nos diferentes ramos da produção e de emprego, poderemos grandemente ajudar os estudantes a retificar a idéia, em grande parte ilusória, que eles têm da classe operária, de suas condições de existência e de luta, de seus ritmos, experiências, de sua confiança e também de suas desconfianças.

¹⁰ Waldeck Rochet observou para a França, em sua relação no C. C. de 8 de julho de 68, nestes termos (sublinhados por ele): “Até aqui nosso Partido exerceu nos círculos estudantis uma *influência por certo não desprezível, todavia, indiscutivelmente insuficiente*, e que está naturalmente ressentido de modo negativo no último movimento”.

Acredito, considerando todas as coisas, poder afirmar que esta carência de análise global, sistemática ao mesmo tempo em que detalhada, sobre as causas da perda de contato entre o Partido e a juventude escolarizada em Maio por uma parte, e esta insuficiência das análises detalhadas sobre as ações da classe trabalhadora em maio, por outro lado, contribuiu *para abandonar em si mesmos as ações da juventude escolarizada e intelectual em maio e após maio*, particularmente ao precipitar, de cabeça para baixo, primeiramente em maio, depois nos meses subseqüentes, em função de sua generosidade nas ilusões arcaicas da ideologia anarquista ou anarquizante, atualmente dominante.

Tudo isso para chegar a minha conclusão, que gostaria, em conformidade com o conselho de Lênin, não apenas *crítico*, mas também e, sobretudo positivo, embora permaneça num estado de informações disponíveis: *programática*.

Acredito que temos – uma vez as coisas renunciadas a seus pés (ou seja, uma vez *afirmada e reafirmada demonstrativamente à prioridade histórica absoluta da greve geral sobre as ações estudantis de maio*), de considerar com a maior seriedade a revolta ideológica da juventude escolarizada e dos jovens trabalhadores, envolvida após muito tempo no mundo e na França, em seguida tomada como forma espetacular aqui e acolá (Turquia, Japão, Alemanha, Itália, Espanha, U. S. A., etc.) antes de culminar na França em Maio, graças à greve geral.

Devemos analisar a fundo as razões profundas, internacionais e nacionais desta revolta ideológica, que é, em seu nível natural, um acontecimento sem precedentes na história e *irreversível*.

Devemos também, sem se esconder diante desta tarefa difícil, analisar a fundo as razões da perda de contato ideológico e político dos Partidos comunistas com a juventude escolarizada e intelectual sobre o plano internacional e nacional.

Devemos expor em detalhe e publicamente essas análises, e, *se for o caso*, ter a coragem política enquanto passar da análise à autocrítica, e em tirar as conseqüências ideológicas e políticas que se imporão. Na falta de qualquer ou de alguma abertura notável [brilhante] em Maio entre o Partido da classe operária e a juventude escolarizada e intelectual – arriscarei –, ou de não ser realmente realizadas, ou de serem mal realizadas, isto é, antes mal que bem realizadas com todas as perdas e todas as feridas que isto desencadeia.

É aqui que podemos ajudar “pacientemente, pela persuasão, de preferência na luta”; auxiliar com todas as nossas forças, nossos jovens colegas estudantes a encontrar uma saída para as graves dificuldades nas quais eles se debatem. Bem entendido, devemos também criticar severamente, quando for o caso, seus erros, mas *não podemos criticar seus erros para ajudá-los positivamente* a vir, por que a maioria dentre eles proclamaram a intenção sobre as posições da classe operária.

Ora, não podemos ajudar positivamente quem os criticam, mas sob a tríplice condição:

1) de fazer-lhes conhecer em detalhe as ações da classe trabalhadora, seus princípios, suas tradições, suas formas de ação e também suas formas de luta, muitas vezes desconcertantes para uma juventude que não tem evidentemente experiência direta da classe trabalhadora e do Movimento operário; de fazer-lhes reconhecer a necessidade da *direção* política da classe trabalhadora na luta revolucionária.

2) de conhecer a novidade sem precedente, a realidade e a importância *progressista* das ações da revolta ideológica da juventude escolarizada e intelectual que abalou de dentro certos aparelhos ideológicos dos Estados imperialistas, auxiliando objetivamente a luta revolucionária da classe trabalhadora no plano internacional e nacional; de fazer-lhes conhecer esta realidade da classe operária.

3) de fornecer-lhes todas as explicações *científicas* que permeiam *à todos*, nisso incluindo os jovens, de ver claramente nos acontecimentos que eles viveram, e de se orientar-lhes, se querem realmente, sobre uma base adequada, na luta de classes, abrindo-lhes perspectivas exatas, dando-lhes os meios ideológicos e políticos de uma ação justa.

Paris, 15 de março de 1969